

A Guerra Civil Norte-americana (1861-1865)

Aula 10 e 11, Texto base:

EISEMBERG, Peter L. "Introdução"; "As causas da Guerra"; "A guerra civil". In: Guerra Civil Americana. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.7-1; p.39-79.

A- Ideias gerais do texto

Com base no texto paradigmático do historiador norte-americano Peter L. Eisenberg, publicado em 1982, abordaremos de forma sintética a Guerra Civil Americana, tema este considerado clássico da historiografia. Ocorrida entre 1861 e 1865, a Guerra Civil merece atenção, segundo o historiador, porque marcou profundamente a história dos Estados Unidos, não só por ter provocado milhares de mortos, mas também por ter colocado em evidência o impasse entre as regiões Norte e Sul do país e a incapacidade da Constituição Norte-americana de 1787 de superar os antagonismos políticos latentes na segunda metade do século XIX. Calcula-se que a Guerra Civil resultou em cerca de 600 mil mortos – em poucos eventos morreram tantos norte-americanos num único conflito.



Existem alguns aspectos comparáveis entre essa história e a do Brasil. A Guerra Civil Norte-americana foi uma reação ao movimento separatista do Sul, que declarou a independência por meio da formação dos Estados Confederados da América, à revelia do Norte, que lutou contra a separação. Da mesma forma, o governo imperial brasileiro teve que reprimir diversos movimentos separatistas, como a Revolução das Farroupilhas, no Rio Grande do Sul, entre 1835 a 1845.

A questão da escravidão foi também um elemento que convulsionou a vida política tanto dos Estados Unidos quanto do Brasil e parte das elites desses países resistiu o quanto pôde à sua extinção. Dessa forma, o que explica a Guerra Civil Norte-americana ter adquirido proporções tão dramáticas? Cabe ao leitor, ao longo da análise do texto, desenvolver sua própria perspectiva crítica a respeito.

Antes de analisarmos a guerra, apontaremos as diferenças profundas entre Norte, Sul e Oeste dos Estados Unidos que determinaram a guerra.

O Norte, geograficamente, ao longo do processo de expansão, chegou até a margem oriental do rio Mississippi. A produção econômica no período colonial era voltada para a subsistência. Ao final do século XVIII, iniciou a produção manufatureira de móveis, calçados, ferramentas, roupas, relógios e barcos, agora livre dos impostos cobrados pela Inglaterra.

Em 1860, a produção manufatureira do Norte se igualara à dos produtos agropecuários do Sul. A chegada de milhares de imigrantes no país (a maioria vindos da Irlanda, Inglaterra e Alemanha), a descoberta de novas tecnologias, a racionalização da produção, a expansão da fronteira agrícola, a construção de estradas de ferro e o uso contínuo de rios navegáveis garantiram o sucesso do crescimento econômico do Norte. Isto foi feito também com a repressão das populações indígenas e com a utilização da mão de obra livre. Vale lembrar que a escravidão no Norte havia sido abolida na maior parte dos estados logo após a Independência, em 1776.

Já o Sul era economicamente agrícola desde o período colonial e permaneceu assim ao longo do século XIX. Produtos, como o fumo, o algodão, o arroz e o milho, eram cultivados por meio, predominantemente, da mão de obra escrava, apesar

da proibição do tráfico em meados do século XIX. A venda desses produtos era feita para as indústrias inglesas, bem como para as nascentes indústrias do Norte do país. A mineração também era fonte de renda, mas a sua riqueza ocorria com o tratamento dado pela indústria de fundição do Norte do país.

Assim, o Oeste dos Estados Unidos era uma área de fronteira dinâmica, que foi se ampliando ao longo do século XIX até o Oceano Pacífico, com a expansão agrícola, a exploração de minérios, a caça de animais e o confronto constante com as populações indígenas. Alguns dos novos estados que se formaram, como o Texas, aderiram à mão de obra escrava; outros não.

Para Eisenberg, quando a Guerra Civil Norte-americana começou, ninguém devia ter ficado muito surpreso, pois as divergências entre Norte e Sul eram latentes desde o período colonial e se agravaram ao longo do século XIX.

Alguns exemplos:

1- A tarifa sobre as importações

O Norte queria o aumento de imposto para garantir o desenvolvimento de sua indústria; o Sul desejava a diminuição de imposto para que pudesse importar produtos mais baratos. Os debates e acordos oscilaram de um lado ao outro até a Guerra Civil.

2- O acesso às novas terras conquistadas a Oeste dos Estados Unidos eram também motivos de desacordos

O Norte defendia a venda das terras por um preço alto para garantir a mão de obra barata na indústria. Os pequenos proprietários desejavam que as terras fossem vendidas a um preço barato, bem como os sulistas que tinham interesse em ampliar a agricultura com o apoio dos recém-formados estados do Oeste. Com efeito, a maior parte das terras foi vendida a preços inferiores aos desejados pelos industriais do Norte.

3- Sobre a natureza de bancos e dinheiro

O centro de finanças do país estava no Nordeste e era lá que se emprestava dinheiro ao país inteiro. Essa região desejava um banco nacional e uma moeda forte capaz de realizar empréstimos e trocas comerciais com o valor real. O Sul e o Oeste, favorecidos pelos empréstimos, desejavam a flexibilidade das emissões de dinheiro, demonstrando contrariedade à existência de um Banco Nacional.

4- A questão relativa aos “melhoramentos internos” do país

Por meio de subsídios do governo federal, eram feitos melhoramentos em canais, portos e estradas de ferro, para que todo o país desenvolvesse melhor as relações comerciais. Porém, o Sul desconfiava dos altos custos desses investimentos, ao notar que eles beneficiavam mais o Norte do país do que ao Sul.

Por meio de dois partidos políticos, os Whigs e os Democratas, os Estados Unidos deliberavam sobre essas e outras divergências políticas. Os Whigs representavam os grandes comerciantes e manufatureiros do Norte, os fazendeiros aristocratas do Sul e os interessados no desenvolvimento do Oeste. Defendiam uma participação maior do governo federal na economia. Chegaram a ter certo prestígio na primeira metade do século XIX, por terem representantes políticos considerados heróis de guerra. Os Democratas, por sua vez, eram um partido de base popular, formado por pequenos fazendeiros do país, que defendiam um Estado liberal com menos impostos.

De todo modo, o grande impasse de toda a sociedade norte-americana foi a escravidão, que dividiu não apenas os partidos, mas toda a sociedade.

Por questões morais e econômicas, o Norte defendia a abolição da escra-



vidão, mas o Sul resistia em abrir mão do trabalho escravo e dos impostos que isso acarretaria. Apesar de os estados sulistas terem aceitado o fim do tráfico, a escravidão permaneceu no país até a Guerra Civil, iniciada em 1861.

Em 1816, porém, surgiu uma das primeiras reações explícitas contra a escravidão do Sul, que incentivava, inclusive, a ida de escravos para o Norte, com o intuito de ganharem a liberdade. O governo do presidente James Monroe chegou a comprar, em 1819, uma região da África Ocidental, a Libéria, para enviar os descendentes de africanos, libertando-os da escravidão nos Estados Unidos. Havia jornais abolicionistas, como *O libertador*, publicado de 1831 a 1865, que reivindicava a abolição imediata sem indenização, além de partidos, como o Partido da Liberdade, fundado em 1940, que levantava essa bandeira de maneira explícita.

Vale salientar que a escravidão no Oeste dos Estados Unidos era devido ao fato de parte da região ter sido povoada por fazendeiros sulistas, desejosos de manter a escravidão. O governo federal propunha uma tentativa de manter o equilíbrio entre os estados do Oeste, recém-formados, ao incentivar a adesão de alguns à abolição e outros à escravidão.

A partir de 1850, a capacidade de realização de acordos entre o Norte e o Sul esgotou-se. Havia mais representantes do Norte no governo do que no Sul, devido ao crescimento demográfico da população no Norte em relação ao sul, e ao não favorecimento da escravidão nos estados do Oeste.

Revoltas, conflitos e movimentos de resistência contra e a favor da escravidão tomaram conta do país. Chegou ao ponto de os próprios partidos Whigs e Democratas se cindirem em torno desta questão, o que levou à formação do Partido Republicano, em 1854. O crescimento vertiginoso desse partido, carregando uma bandeira antiescravista, o conduziu rapidamente e de modo surpreendente à presidência da República, por meio da eleição de Abraham Lincoln, em 1861.

O fato é que o Sul, nos anos de 1850, vivia uma prosperidade comercial maior do que a alcançada no Norte no mesmo período. Porém, havia um maior movimento de estados do Oeste que estavam aderindo à abolição da escravidão. Quando Lincoln chegou à presidência, em 1861, para os estados sulistas, era uma sentença de morte à escravidão. Foi necessária, segundo os próprios sulistas, a separação do país para a manutenção da escravidão no Sul e sua expansão para o Oeste. Chegaram a proclamar a República e a formar os Estados Confederados da América.

Em meio às graves tensões políticas, o presidente Lincoln declarou que defenderia, a todo custo, a união da nação e, para minimizar os conflitos, até toleraria a escravidão em territórios no quais ela já existisse. Apoiado pelo Norte, que a princípio parecia mais forte e resistente, teve de lutar duramente durante quatro anos para a reconquista da união dos Estados Unidos da América, uma vez que o Sul se defendeu militarmente o quanto pôde do Norte, onde a população era maior, a indústria mais forte e o Estado incentivador da mão de obra livre.

O presidente Lincoln atuou em várias frentes em prol da unidade nacional. Em determinado momento dos conflitos, chegou a propor a emancipação dos escravos do Sul de modo lento, gradual e indenizado. Além disso, reagiu de forma enérgica, violando correspondências, fechando jornais, prendendo sem julgamento e punindo em nome da União.

Diante da popularidade que o presidente alcançou com a luta antiescravista, durante a Guerra Civil, em 1863, foi proclamada a Lei de Emancipação da Escravidão. Nas áreas longe do alcance da União, os escravos tornaram-se livres na medida em que as tropas do Norte venciam. Mas foi, em 1865, que, de fato, a lei federal aboliu a escravidão em todo o território nacional, garantida pela reconhecida Décima Terceira Emenda da Constituição Norte-americana.

A derrota do Sul significou o colapso econômico da região e milhares de mortos. Foi a primeira guerra da história a usar armas de extermínio em massa. Entretanto, apesar de sentir os danos da guerra, o Norte vitorioso ganhou um forte impulso do governo federal e da iniciativa privada para o desenvolvimento amplo do capitalismo industrial.

É importante frisar que foram necessárias *décadas para a reconstrução do país*, bem como para a igualdade de condições sociais entre negros e brancos, pois o preconceito racial permaneceu em múltiplas formas. A Guerra Civil é considerada, ainda hoje, a mais custosa e letal que os Estados Unidos já enfrentaram. De acordo com Eisenberg, o seu significado é motivo de constantes revisões historiográficas e usos políticos que, neste último caso, se esforçam para associar os ideais de liberdade à figura do presidente Abraham Lincoln, assassinado por um manifestante fanático no ano em que findou a guerra, em 1865.

Vale acrescentar, por fim, que logo depois da guerra, as interpretações eram muito partidárias nos Estados Unidos. Escritores do Norte chamavam a guerra de "Rebelião do Sul" e consideravam a destruição da região um castigo merecido. Com efeito, o historiador conclui:

*"Parece claro que nem o Norte nem o Sul era mocinho ou vilão. Também é evidente que as forças econômicas e sociais que determinavam a direção da história americana durante o século XIX não poderiam ter estado ausentes na hora de sua crise maior. Se a escravidão não era a única questão dividindo o norte e o sul, ela teve implicações e consequências tão profundas que é bem possível entender que um impasse político sobre esta questão tivesse levado as classes dominantes à guerra. Nem sempre duas sociedades com formações econômicas e sociais diferentes entram em combate mortal. Mas, quando há grandes proximidades entre as duas no mesmo corpo político, e quando as duas tem as mesmas ambições para com uma outra região ainda em formação, como foi o caso do Oeste, fica mais provável que nem todas as diferenças políticas encontrem resoluções amigáveis."*¹⁹

19

EISEMBERG, Peter L. "Introdução"; "As causas da Guerra"; "A guerra civil". In: Guerra Civil americana. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.112.



B-O tema em questão no livro didático

Observe a narrativa sobre a *Guerra Civil (1861-1865)*, de Raymundo Campos.

Guerra Civil (1861-1865)

"Na segunda metade do século, os Estados Unidos viveram uma série de mudanças revolucionárias decorrentes especialmente da Guerra de Secesão, que opôs os estados do Norte aos do Sul.

A guerra foi resultado de uma velha rivalidade entre Norte e Sul. Durante muitos anos os sulistas haviam dominado a política americana, mas na metade do século XIX, estavam sendo superados pelo progresso do Norte. Enquanto o Sul permanecia com uma economia agrária, voltada para o mercado externo e baseada na grande propriedade escravista, o Norte caminhava a passos rápidos para a industrialização. Tal situação criava um forte antagonismo entre as duas regiões com relação à política

tarifária: enquanto o Sul, que não possuía indústrias desejava tarifas baixas, que não encarecessem os artigos importados, o Norte, com um florescente parque industrial, desejava tarifas altas que o protegessem da concorrência dos manufaturados estrangeiros.

Além do problema tarifário, o antagonismo Norte-Sul alimentou-se do problema da escravidão e da organização dos novos estados. Os estados do Norte tendiam a encarar como normal a escravidão negra no Sul, mas eram frontalmente contrários à extensão do escravismo aos novos estados que surgiram nos territórios anexados a partir da compra de Louisiana. Tal posição devia-se ao fato de que, se a escravidão fosse introduzida nos novos estados, eles possuiriam uma organização econômica semelhante à do Sul, e os seus representantes no Congresso reforçariam a bancada sulista mantendo o predomínio político do Sul. Essa questão do escravismo nos novos estados parece ter sido a principal razão da guerra, que eclodiu logo depois da derrota do sul nas eleições presidenciais de 1860, quando foi eleito o republicano Abraão Lincoln.

Um maior número de recursos, tais como população e indústria, fez com que os nortistas vencessem a guerra. Essa vitória deu ao Norte forte predomínio político, que levou a um espetacular desenvolvimento industrial da região.

Ao lado desse grande crescimento industrial, o país continuou a sua expansão para o Oeste."

CAMPOS, Raymundo. "Estados Unidos e Inglaterra na segunda metade do século XIX". História Geral. Vol. 2. Idades Moderna e Contemporânea. São Paulo: Editora Atual, 1978, p.139.

Algumas questões para pensar

O autor comprehende o processo da Guerra Civil (1861-65) apresentando de forma objetiva os seus principais aspectos. É possível imaginar por meio dessa narrativa o fato de que a Guerra Civil foi a pior já enfrentada pelos Estados Unidos? Diante do fato de que a economia sulista foi duramente destruída com a guerra, como explicar aos alunos de maneira plausível o "grande crescimento industrial"? A questão da escravidão foi plenamente resolvida, segundo essa narrativa? Os negros no dia seguinte foram incorporados como cidadãos à sociedade norte-americana?

Algumas observações sobre o texto de Raymundo Campos

A Guerra Civil norte-americana foi terrível para os estados do Sul não apenas porque aboliu a escravidão, da qual eles dependiam, mas também porque destruiu parte de seus recursos, uma vez que boa parte das lutas ocorreu em seus territórios. Vale frisar que o Sul levou décadas para se reerguer e o preconceito racial foi latente na região até boa parte do século XX. Devemos, desse modo, utilizar a bibliografia para refletir com os alunos questões colocadas de forma sintética pelos autores dos livros didáticos.

Bibliografia complementar sobre a Guerra Civil

BERLIN, Ira. *Gerações de cativeiro: uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CHAMBERS, John Whiteclay. *To raise an army: the draft comes to Modern America*, New York: Free Press, 1987.